

JORGE ANDRÉA

Correlações Espírito-Matéria

SOCIETO LORENZ

CORRELAÇÕES ESPÍRITO-MATÉRIA

JORGE ANDRÉA
Médico e expositor do Instituto de Cultura
Espírita do Brasil

Jorge Andréa, em toda a sua obra, indiscutivelmente, vem apresentando conotações científicas no estofo da Doutrina Espírita.

No presente livro demarca, com aguçado raciocínio, avançadas idéias, em bases científicas, embora arrecadadas nos capítulos que transcendem a física — a metafísica.

O Autor aborda, com justeza e equilíbrio, a zona ou região em que o Espírito se acopla ao corpo físico, acentuando tratar-se de hipótese de trabalho, porém, jamais fugindo dos ditames e conhecimentos científicos. É claro que a ciência dos nossos dias ainda não possui métodos avaliativos das propostas em pauta, porém, são aqui apreciadas e bem encaixadas as posições reais da ciência. Neste terreno obscuro, onde poucos ousaram trafegar, Jorge Andréa, com seu pensamento perquiridor, tenta abrir novas veredas do conhecimento humano, ao mesmo tempo em que procura clarear as propostas abordadas.

É livro bem interessante em face aos questionamentos do homem de nossos dias, sempre necessitado de ampliar as razões espiritualistas de braços dados com a ciência.

O Editor

CORRELAÇÕES Espírito-Matéria

Terceira edição

- 1992 -

Editado pela
SOCIEDADE EDITORA ESPIRITA F. V. LORENZ SPIRITA
ELDONA SOCIETO F. V. LORENZ
Cx. Postal 3.133 - CEP 20001-970 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Insensível às causas de desagregação e destruição que afetam o corpo físico, o perispírito assegura a estabilidade da vida em meio da contínua renovação das células. É o modelo invisível através do qual passam e se sucedem as partículas orgânicas, obedecendo as linhas de força, cuja reunião constitui esse desenho, esse plano imutável, reconhecido por Claude Bernard como necessário para manter a forma humana em meio das constantes modificações e da renovação dos átomos

Léon Denis

*Aos laboradores de todas as épocas,
que valorizaram o Espírito propiciando
trilhas para o conhecimento humano, de-
dicamos este livro.*

As idéias espiritualistas, calcadas na lógica dedutiva das posições científicas, propiciam farto campo de propostas para o conhecimento humano.

OBRAS DO AUTOR

- Novos Horizontes da Parapsicologia. Editora Sabedoria, Rio, 1967. (Esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).
- Energias Espirituais nos Campos da Biologia. Editora Fon-Fon e Seleta, Rio, 1971. (Esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).
- Enigmas da Evolução. Editora Caminho da Libertação, Rio. 1973, 1.^a edição. 1980, 2.^a edição. (Esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).
- Nos Alicerces do Inconsciente. Editora Caminho da Libertação, Rio. 1973, 1.^a edição. 1980, 2.^a edição. Esgotado.
- Palingênese, a Grande Lei. Editora Caminho da Libertação, Rio. 1975, 1.^a edição. 1980, 2.^a edição. 1982, 3.^a edição. Editora Societo Lorenz, 1990, 4.^a edição. Versão castelhana: Palingenesis, la Grand Lei, Wido Mardini, Colômbia, 1985.
- Energética do Psiquismo, Fronteiras da Alma. Editora Caminho da Libertação, Rio. 1976, 1.^a edição. 1978, 2.^a edição. Editora Societo Lorenz, Petrópolis, 1990, 3.^a edição.
- Dinâmica Espiritual da Evolução. Editora Fon-Fon e Seleta, Rio. 1978, 1.^a edição. 1980, 2.^a edição. (Esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).
- Psicologia Espírita n.º 1. Editora Fon-Fon e Seleta, Rio. 1978, 1.^a edição. 1980, 2.^a edição. 1982, 3.^a edição. 1986, 4.^a edição. Editora Societo Lorenz, Petrópolis, 1991, 5.^a edição
- Forças Sexuais da Alma. Editora Fon-Fon e Seleta, Rio. 1978, 1.^a edição. F.E.B., 1987, 2.^a edição.
- Os Insondáveis caminhos da Vida. Editora Fon-Fon e Seleta, Rio. 1981, 1.^a edição. Editora Societo Lorenz, Petrópolis, 1989, 2.^a edição. 1991, 2.^a edição.
- Encontro com a cultura Espírita. Em colaboração com Deolindo Amorim, Altivo Ferreira e Alexandre Seck. Casa Editora O Clarim, Matão (SP), 1981.
- Dinâmica Psi. Editora Fon-Fon e Seleta, Rio. 1982, 1.^a edição. Editora Societo Lorenz, Petrópolis, 1990, 2.^a edição.
- Correlações Espírito-Matéria. Editora Samos, Rio. 1984, 1.^a edição. Editora Societo Lorenz, Petrópolis, 1990, 2.^a edição.
- Enfoques Científicos na Doutrina Espírita. Editora Samos, Rio. 1987, 1.^a edição. Editora Societo Lorenz, Rio, 1991, 2.^a edição.
- Impulsos Criativos da Evolução. Editora Arte e Cultura, Niterói, 1989, 1.^a edição.
- Lastro Espiritual nos Fatos Científicos. Editora Societo Lorenz, Rio, 1989, 1.^a edição.
- Visão Espiritual nas Distonias Mentais. F.E.B., 1990, 1.^a edição.
- Psicologia Espírita n.º 2. Editora Societo Lorenz, Petrópolis, 1991, 1.^a edição.

SUMARIO

Prefácio

Considerações sobre a organização psíquica humana

Perispírito ou psicossoma

Duplo etérico

O átomo e suas partículas

Campos de transição entre espírito e matéria

Referências bibliográficas

PREFÁCIO

Na abordagem de um tema de tal ordem, onde quase nada se tem escrito e muito poucas idéias afins se têm mostrado, necessitamos de apreciar pensamentos intuitivos, na faixa intelectual dedutiva, sedimentando-os em capítulos complementares com as aquisições científicas dos dias atuais. Também, procuraremos oferecer, dentro de nossas possibilidades, algumas informações sobre o psiquismo de profundidade, região ainda desconhecida e somente percebida, vez por outra, pelos símbolos e pequenas expansões que os vórtices arquetípicos internos do Espírito propiciam, por reflexão, na zona consciente ou psiquismo de superfície.

Realmente, os estudiosos têm imensa dificuldade de analisar, no homem, seus esquemas mentais mais complexos; nada sabemos ainda sobre as correntes de pensamentos, suas origens, elaborações, expansões, como, também, as gravações e lembranças nas telas da memória. Diante de tal fato, como levar avante a tarefa de compreender como o mundo das energias espirituais se acopla ou se associa com a matéria?

O presente trabalho visa oferecer uma idéia esquemática sobre as zonas onde se dariam as trocas entre o mundo espiritual e o material de um determinado ser, isto é, entre o psiquismo de profundida-

de e o de superfície. O psiquismo de superfície (zona consciente) a representar o palco onde as energias espirituais transformam-se no processo intelectual, posição de nossa realidade e entendimento. Esta zona periférica de nossas habituais vivências psíquicas propiciaria, também, a absorção, para a zona interior do Espírito, o resultado das experiências do dia-a-dia a que está submetido o ser humano.

A ponte matéria-espírito representaria um autêntico filtro por onde a matéria seria beneficiada pelo direcionamento preciso do trabalho que o Espírito oferece, como, também, possibilitaria que as experiências materiais fossem incorporadas ao psiquismo de profundidade, sob forma de aptidões.

A apresentação desta hipótese de trabalho, envolvida em estruturação científica, sobre a correlação espírito-matéria, trafegando no terreno metafísico (além da física), como que tenta minorar os questionamentos que carregamos diante um universo de tal complexidade, ao menos por algum tempo, até o vislumbre de novos conceitos que os pensadores e pesquisadores possam oferecer. Os valores das hipóteses e aquisições científicas evidenciam-se quando a pesquisa penetra e envolve-se nos autênticos campos do Espírito.

O Autor

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA HUMANA

Embora a idéia seja antiga, pertence ao século XX as tendências dos pesquisadores e mesmo pensadores, incluindo teólogos, de não se separar matéria e espírito como elementos perfeitamente distintos. Por serem regiões coligadas em funcionamento e que escapam, em muitos ângulos, das nossas avaliações intelectivas, devem ser apreciadas num conjunto, numa totalidade, num espaço-tempo. Entretanto, a fim de atender um esquema de estudo, procuraremos isolar os campos espirituais daqueles da zona material, cujas diferenças são perfeitamente compreensíveis. Ressaltemos que a substância universal é única, sob infinitos graus e aspectos de manifestações, onde se refletem os diversos planos da Evolução.

A linguagem da física moderna se está tornando mais efetiva e apropriada aos estudos e investigações dos chamados problemas espirituais. Diríamos, mesmo, que o raciocínio matemático, em alcançando parâmetros além do pensamento filosófico, possibilitaria à física esta profunda penetração nas ainda desconhecidas dimensões espirituais; não acontecendo o mesmo quanto a biologia, ainda vicejando bastante pela avaliação nos nossos sentidos comuns em face das demarcações científicas em vigor. Apesar de tudo, alguns investigadores da biologia que não abandonaram o raciocínio dedutivo têm oferecido contribuições dignas de nota, em paragens que poderíamos denominar de parabiológicas.

O físico moderno, este grande "místico" da ciência, vem oferecendo maior soma de válidas equações ao panorama da pesquisa espírita. Assim, mesmo, quando os estudos físicos penetram as estruturas do átomo o perquiridor embarça-se completamente diante os conceitos de partículas e de ondas; isto é, matéria e energia que neste cadinho se confundem e efundem completamente. É como se os limites entre o que consideramos matéria e energia desaparecessem e não possibilitassem demarcações para atender o intelecto humano. Os laboradores do microcosmo estão, em sua maioria, acordes com a existência de um campo orientador das estruturas físicas; uma autêntica "essência orientadora" dentro da inteligente

dinâmica atômica, a fim de que não se esbarre no acaso.

Diante a importância que o panorama do psiquismo possa oferecer neste pequeno estudo, seria imprescindível e de utilidade uma sintética esquematização do mesmo. A organização psíquica mais evoluída de nosso orbe pertence ao reino hominal, onde os fatores de experiências alcançaram seu ponto mais alto.

Pelos estudos, experimentações diversas e métodos psicológicos variados, podemos distinguir no psiquismo humano zonas bem determinadas onde algumas delas, pela sua característica energética, muito bem merecem estruturas em lógicas hipóteses de trabalho.

Pelas funções do psiquismo chegou-se a conclusões que a sua zona energética, não palpável e sem possibilidades de avaliações pelos nossos sentidos, seria de uma riqueza incomensurável, a ponto de nossa zona material ou física ficar bastante limitada e ofuscada. A zona física ou zona consciente, em suas elaborações psicológicas, estará ligada todo? nosso arcabouço nervoso - sistema cérebro espinhal e sistema neurovegetativo.

Aliás, é por esta zona que procuramos tudo equacionar, pelas nossas condições de vivência. As nossas medidas psicológicas estão na zona consciente — a tela de manifestações de todas as nossas percepções e avaliações das propostas psíquicas; tudo aquilo que podemos anotar com o nosso raciocínio intelectual se projetaria nas telas da zona consciente.

Se tomarmos o psiquismo em seu conjunto verificamos que a zona consciente, pela sua pobre e reduzida atuação no cenário cósmico, é campo bem limitado e que, por isso, poderá ser denominado de psiquismo de superfície; denominação que contrasta com a zona psíquica energética ou psiquismo de profundidade. Assim, teríamos uma zona superficial e outra profunda; a primeira, psiquismo de superfície ou zona do consciente e a segunda, psiquismo de profundidade ou zona do inconsciente ou espiritual.

O psiquismo da zona consciente homologa os diversos atos

intelectivos, do raciocínio, das sensações, etc., em expressões analíticas; isto é, são atos que se expressam perante análise detalhada dos fatos que se mostram ao observador. Para que a zona consciente participe do evento psicológico necessita de esmiuçar os fatores e analisar os seus componentes — é o esquema mental em vigor de nosso direto entendimento.

No psiquismo de profundidade os fatos são percebidos, em sua maioria, sem análise; mostram-se sintéticos e totais, sem necessidade de serem decompostos; são globais, complexos e sem motivos de detalhes analíticos; é como se o fenômeno se mostrasse, pela sua essência, numa visão de conjunto. São posições mais evoluídas do psiquismo que somente o processo intuitivo poderá captar, suplantando a mecânica intelectual da zona consciente. Embora a zona material do consciente seja o palco do processo intelectual analítico, estruturas mais novas, como as do lobo frontal, poderia m apresentar centros nervosos mais avançados e já qualitativamente aparelhados para o trabalho psíquico de futuro que caracteriza a intuição.

Na zona do psiquismo de profundidade, ou zona do inconsciente ou espiritual, estarão todos os campos de experiências que o ser vivenciou e que foram incorporadas sob forma de aptidões. Todo o manancial de nossas vidas pretéritas ou personalidades que caracterizaram o cenário físico (reencarnações) aí se encontram gravadas e modeladas, a fim de que estas fontes possam tornar-se, cada vez mais, afinadas pelo envolvimento do conhecimento, da paz, da harmonia e do amor.

Essas fontes de intensa "vida interna" ou espiritual são o ponto de emissão de energias vitalizantes e orientadoras para o psiquismo de superfície ou da zona consciente. Toda a organização psíquica alicerçada nas células nervosas, com as magníficas e nobres funções que lhes são peculiares, é inspirada e dirigida pelos campos de profundidade ou fontes espirituais. Estas manteriam uma constante corrente orientadora a difundir-se nas telas superficiais da zona consciente. É claro que essas correntes espe-

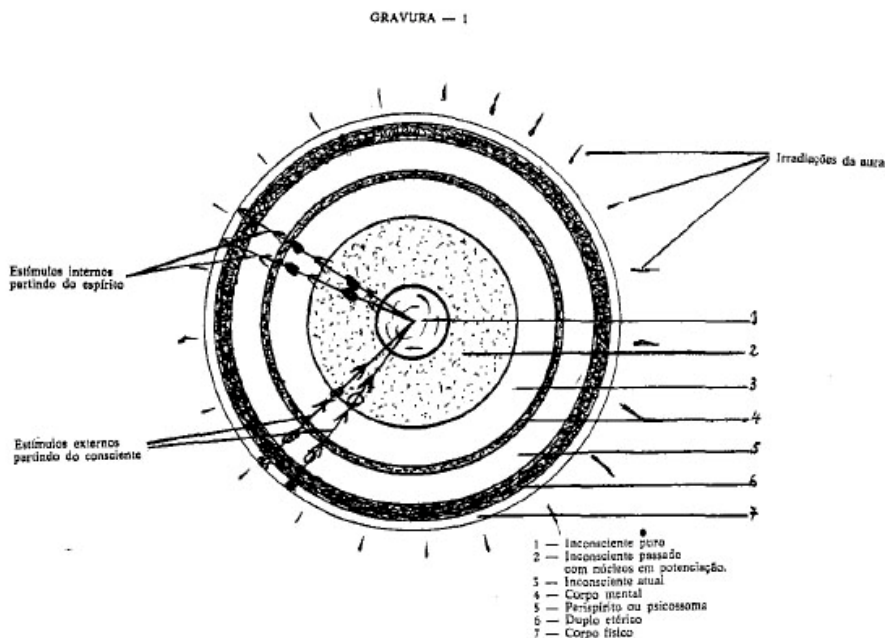
cíficas ou campos energéticos, à medida que se vão aproximando da periferia, onde se encontra o arcabouço físico, vão como que densificando os seus próprios campos até esbarrar no máximo de densificação (corpo físico). Isto faz pensar na existência de zonas intermediárias, em campos dimensionais apropriados. Quanto mais na intimidade do ser (EU ou Individualidade), mais quintessenciado deverá ser o campo psíquico, quanto mais na periferia (células físicas), mais denso se mostrará. À medida que vamos penetrando a intimidade do psiquismo vamos deixando os campos físicos, caracterizados pela ocupação de espaço, e avançando em dimensões específicas, cada vez mais apuradas, onde o espaço e o tempo não têm mais atuação – são dimensões evoluídas, dentro de nosso próprio psiquismo, de difícil avaliação pela zona de vivências comuns ou zona consciente.

Esta variação dimensional explicaria como as vibrações dos campos mais internos do psiquismo podem alcançar a periferia da zona consciente; seriam filtragens e mutações vibratórias pelas diversas camadas da zona inconsciente ou espiritual. Haveria, como que, a pouco e pouco, uma adaptação de energias, de modo a permitir que as células físicas pudessem suportar o conteúdo da energética espiritual que lhe dirige o processamento. Existiria, assim, um ciclo, onde energias partem do espírito para a matéria e todas as realizações psíquicas (experiências de todos os matizes, inclusive os diversos fenômenos paranormais, emocionais e dolorosos) que se passam na zona consciente aportam às desconhecidas regiões do inconsciente ou do espírito; aí, nessas regiões internas os eventos seriam devidamente metabolizados, gravados e aproveitados na ampliação da "bagagem" dos seres. É como se as forças criativas da evolução, que carregamos na intimidade do espírito, continuamente ativassem o processo vital da zona consciente e, por sua vez, fossem também nutridas pelas experiências que a zona física oferece nas diversas romagens reencarnatórias.

A zona intermediária que possibilitasse a adaptação e implantação das energias espirituais na matéria e daí retirasse o material das

experienciações, convertendo-as em aptidões para o espírito, seria a zona perispiritual ou campo do perispírito.

Para melhor elucidação do que acabamos de assinalar recorramos aos esquemas. * A gravura 1 procura localizar as diversas camadas do psiquismo, onde o corpo físico ou material encontra-se na periferia e o espírito ou zona do inconsciente com seu respectivo envolatório perispiritual, na posição interna. Assim, tenhamos do centro para a periferia:



1 — Zona do inconsciente puro - Centro da vida, ponto de partida das energias diretivas do espírito a distribuir-se por toda a estrutura do psiquismo. É uma zona inatingível por qualquer dos métodos psicológicos em vigor. Representaria a zona do autêntico EU, com característica de campo dimensional de energias tão específicas que, por seu intermédio, haveria a possibilidade de

pensar-se que o "fluido-universal" (secreção do pensamento divino) aí encontrasse a porta de penetração e, conseqüentemente de orientação e abastecimento das inesgotáveis vibrações divinas para os seres. Seria uma zona quintessenciada, faixa de nascimento das energias criativas do próprio psiquismo, o ponto de comunicação e local de canalização da Grande Lei da Vida; seria a fonte da energia crística que carregamos.

As energias criativas dessa zona, que nomeamos de inconsciente puro, distribuem, com ordem e precisão, os necessários impulsos nutridores para a camada que imediatamente lhe segue, por nós denominada de inconsciente passado ou arcaico. Esta, por sua vez, orientaria a que lhe sucede e, assim por diante até o corpo físico. Desse modo, o centro da Vida, a fonte criativa estaria, com seu inteligente direcionamento nas células física orientando os processos bioquímicos, porém com energias perfeitamente adaptadas pelas respectivas filtragens que as camadas dimensionais do psiquismo podem oferecer.

2 — Zona do inconsciente passado ou arcaico — É a camada que circunda a do inconsciente puro e onde estariam sedimentadas todas as experiências que determinado ser vivenciou através os evos. Aí encontramos os "núcleos" desses arquivos que, pela sua intensa atividade denominamos de núcleos em potenciação; poderíamos nomeá-los, em pensamento junguista, de arquetipos. Quanto mais vivenciou determinado ser, maior o lastro dessas fontes vibratórias pelo processo de incorporação; nesta absorção e devida metabolização da mecânica psíquica, os arquivos do espírito, aí situados, sempre se expressarão numa posição de unificação e totalidade sob forma de aptidões. Assim, os alicerces das experiências acumuladas transformam-se em aptidões que poderão ser, cada vez mais buriladas, ampliadas e melhoradas, na medida que a evolução individual se for afirmando.

Desses núcleos em potenciação partirão energias que percorrerão as diversas camadas do psiquismo até esbarrar no paredão das células físicas, especificamente em seus núcleos, impulsionando e

direcionando o laboratório do código genético. Seria este o modo pelo qual as forças do espírito intervêm na organização física?

3— Zona do inconsciente atual ou presente — Esta terceira zona de revestimento representaria uma região cujas funções psicológicas, por se encontrarem bem próximas da zona física, mais facilmente mostram parte dessa dinâmica já mais bem percebida pela zona consciente. É zona onde os conflitos do psiquismo, sob forma de neuroses, mais facilmente derramam-se na zona consciente, natural canal de derivações.

4— Corpo mental — Temos que nos louvar nas informações espirituais, porquanto não existem possibilidades de conhecimento dessa zona pelos seus reflexos na zona consciente. Pelo que nos informa André Luiz, ela representa o envoltório sutil da mente. Poderíamos dizer que nesta região, possivelmente, o perispírito encontrasse os seus alicerces.

5 — Perispírito ou psicossoma — Esta zona representaria um envelope, um envolvimento para as zonas espirituais ou do inconsciente. É possível que as expansões energéticas das diversas zonas do inconsciente ou do espírito se ajuntem na constituição do perispírito ou este possa tomar inserção nas exclusivas regiões do corpo mental. Mais adiante, em pequeno capítulo, faremos melhor abordagem do perispírito.

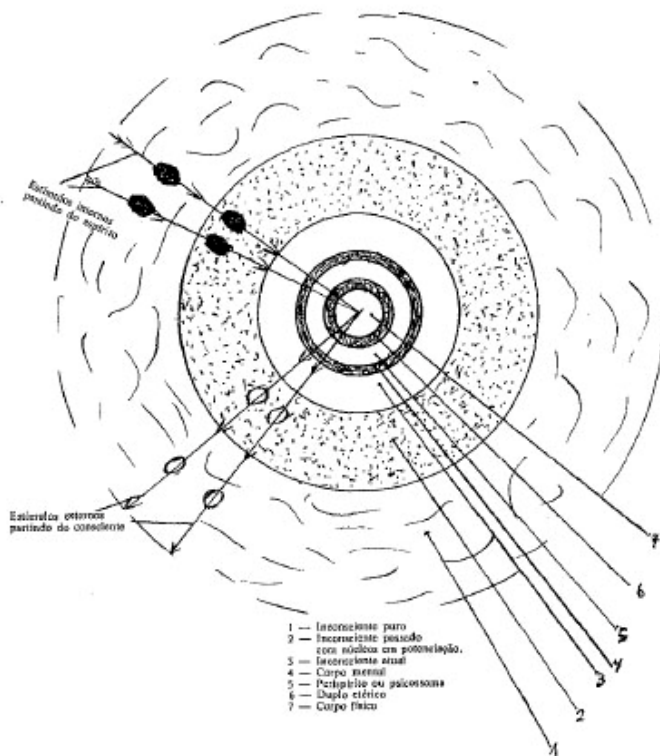
6— Duplo etérico — Seria uma zona vibratória ocupando posição entre o perispírito e o corpo físico. Pela importância ligada ao nosso estudo ampliaremos mais os conceitos desta região em capítulo próprio.

7— Corpo físico — A zona de nosso conhecimento, o terreno de pesquisas em que a ciência tem dedicado estudos bem aprimorados nos campos histofisiológicos. Apesar de tudo, ainda estamos longe de conhecer as estruturas funcionais da nossa organização física, principalmente na parte concernente a fisiologia nervosa.

Se invertermos o esquema, conforme nos mostra a gravura-2, isto é, colocando no centro o corpo físico e na periferia a zona do in-

consciente puro, poderíamos interpretar as diversas zonas do psiquismo de modo mais funcional, onde os círculos, pelos seus respectivos tamanhos, traduziriam a importância das diversas zonas. Neste caso, tal como nos mostra as funções do psiquismo, a zona consciente é a mais reduzida, de limitadas funções, embora seja a zona de ação de nossas possibilidades evolutivas, enquanto que as demais, à medida que caminhamos para a zona do inconsciente puro, vão se ocultando diante as análises intelectivas da zona consciente.

GRAVURA — 2



Esta gravura-2 nos fornece a idéia dos pequenos campos de constituição da zona consciente em face ao incomensurável bloco de energias espirituais ou campos do inconsciente que, por sua vez, difundem-se nas imensidões dimensionais que lhes são próprias.

Os esquemas (gravuras 1 e 2) ainda nos mostram que todas as suas camadas seriam percorridas por correntes ou canais vibratórios, partindo do centro do espírito (inconsciente puro) para a zona material, ou desta para as regiões íntimas do psiquismo. As primeiras seriam os estímulos internos, a vivificarem e conduzirem a bom termo as funções materiais. Os estímulos externos, captados no meio exterior e desenvolvidos nas zonas intelectivas do campo consciente, serão absorvidas para o interior do espírito; nesta região, após especial processo de "metabolização", farão parte do lastreamento de seus próprios alicerces, mostrando-se, posteriormente, sob forma de aptidões, já como reflexos incondicionados do espírito.

Por tudo, fica bem claro que essas correntes ou estímulos percorrem a rota do psiquismo, do centro à periferia e desta ao centro, respectivamente como estímulos internos e externos (gravura-1), adaptando-se às condições dinâmicas das respectivas camadas. Esta seria a única maneira, em nosso entender, de se observar um ciclo, onde o centro do psiquismo vivifica a periferia material e esta oferece elementos de nutrição para o espírito. Dest'arte, todo o bloco psíquico participaria de um trabalho de totalidade, embora havendo posições específicas nas diversas camadas do psiquismo.

Tudo isso está mostrando que no mecanismo psíquico o trabalho é sempre de totalidade, onde funções maiores e mais expressivas dirigem e orientam as funções menores; estas, por sua vez, oferecem elementos para que os maiores prossigam em seus respectivos e dignificantes trabalhos.

No universo, do microcosmo ao macrocosmo, do átomo à galáxia, do princípio inteligente rudimentar à grandes estruturas psíquicas dos evoluídos, tudo se encontra integrado e participando de uma ordem bem traçada e ajustada. Diante as construções corretas e bem elaboradas existe sempre uma meta a alcançar no plano da

Evolução.

PERISPÍRITO OU PSICOSSOMA

Os modelos organizadores biológicos representam a consequência lógica na explicação das formas. Todos os seres alcançam uma determinada e precisa morfologia. Os animais constituídos de unidades semelhantes e afins — células e tecidos — alcançam as posições que lhes competem por obediência a específica modelagem de um campo-organizador que consigo carregam. Todo ser tem o seu próprio campo-orientador de energias especiais. Este campo não seria propriamente o Espírito ou zona do Inconsciente, mas uma região intermediária, o campo que coligaria os dois elementos - matéria e espírito - conhecido como perispírito, termo criado, com muita propriedade, por A. Kardec, embora esta zona já fosse conhecida de filósofos e pesquisadores, que lhe deram nomes variados (corpo astral, corpo fluídico, corpo aéreo, duplo, etc.). As pesquisas espíritas ofereceram condições para que se determinasse o seu papel e a sua natureza. Citamos como as mais expressivas as realizadas pelo próprio Kardec, Delanne, Geley, Bozzano, Denis e W. Crookes que possibilitaram o entendimento do magnetismo, hipnotismo e fenômenos paranormais em geral. Conforme informação do autor espiritual A. Luiz, o perispírito é "formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estudos morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta".

O perispírito é responsável pelo edifício físico de determinado ser, embora sob influência e orientação do espírito que lhe dá exato direcionamento. O perispírito representa a tela refletora das energias do espírito e é por seu intermédio que a matéria (células e

tecidos) se organiza buscando uma finalidade. Possui tal plasticidade que o desencarnado (espírito com seu perispírito) às expensas de sua própria vontade e a depender da evolução em que se encontra, pode apresentar-se com aspectos diversos que correspondem as suas personalidades já vividas.

Os seres vivos, desde o simples protozoário ao homem, são o efeito de seus próprios campos perispirituais. Os mais avançados na evolução são os que já possuem qualidades mais específicas adquiridas nas múltiplas vivências, onde o perispírito como campo de energias mais amadurecidas, apresenta-se como modelo-organizador mais rico de qualidades. Assim, no perispírito estaria uma espécie de prévio modelo impondo as suas potencialidades na matéria que, também, o sustenta pelo fornecimento das experiências que aí se processam.

As células, tecidos e órgãos que de alguma forma podem apresentar-se independentes, com divergentes finalidades buscam em seus respectivos labores, alcançar uma posição devida. A função de um organismo pertence a um conjunto e não as unidades que o compõem; as unidades celulares, em constantes transmutações, possuem tarefas específicas que se complementam a fim de atingirem uma meta; tudo às expensas de um campo modelador - o perispírito - à serviço do espírito, onde pequena parte das suas qualidades são refletidas numa determinada jornada reencarnatória.

Claude Bernard, em sua época, já tinha percebido essas forças diretivas quando afirmou: "O que se diz essencialmente com o domínio da vida e não pertence à química, nem à física nem ao que mais possamos imaginar, é a idéia diretriz dessa atuação vital. Em todo germe vivo há uma idéia dirigente, a manifestar-se e a desenvolver-se na sua organização. Depois, no curso de toda a sua vida, o ser permanece sob a influência dessa força criadora, até que morre quando ela não mais se pode efetivar. É sempre o mesmo princípio de conservação do ser, que lhe reconstitui as partes vivas, desorganiza-das pelo exercício, por acidentes ou enfermidades". (Citado por G. Delanne em, seu livro: A evolução anímica).

O perispírito é o orientador da organização física, cujas células e tecidos estão em constante renovação. As substâncias menores (grupos moleculares) de substituição nas células perenes (células nervosas), como, também, as células de renovação da organização física ocuparão suas exatas posições em obediência funcional, pela ação orientadora e sempre presente do perispírito.

O perispírito, por intermédio de suas linhas de força, estará como que implantado na matéria, pois, em última análise, a matéria traduz a condensação das energias perispirituais. O perispírito apesar de coligado à matéria sofre afrouxamentos nessas ligações, em estados especiais (trances) e mesmo durante o sono. O afrouxamento dessa imantação, com as células físicas, possibilitaria as conhecidas projeções (desdobramento, saída astral), traduzindo específicas percepções.

Carrega o perispírito, em sua estrutura, um componente de centros de força bem específicos, conhecidos como centros- vitais, e descrito pelos antigos, através da teosofia, como chacras. Segundo informações espirituais, existem sete centros principais, salientando-se o centro-coronário, correspondendo ao alto da cabeça, como orientador dos demais, numa verdadeira cadeia de funcionalidade, influenciando as zonas físicas que lhes correspondem. Assim, segue-se o centro-cerebral, ao lado do coronário, o centro-larígeo na altura do pescoço, o centro- cardíaco correspondendo a região do coração, o centro-esplênico na altura do baço, o centro-gástrico na região estomacal e o centro-genésico em correspondência aos órgãos sexuais. Todos esses centros, pelas suas características de impulsão, organização e direção de trabalho podem exteriorizar-se, contrair-se e expandir-se, a fim de absorverem ou emitirem energias com variada finalidade. A sua precípua função seria a de canalizar as energias do espírito, após adaptação vibratória, nos campos materiais. Os campos da matéria que melhor se identificam com os chacras são os plexos nervosos do sistema neurovegetativo, por onde as sugestões espirituais seriam feitas sem interferência da vontade consciente do sistema nervoso cérebro-espinhal.

No perispírito existirão os registros de todas as experiências, atividades, sensações e emoções que se realizam no corpo físico; todos esses registros são transladados para a zona espiritual após as devidas e necessárias adaptações; isto porque, o perispírito não é o detentor definitivo das experiências, mas um campo intermediário, embora com estruturas específicas que o qualificam em estágio funcional mais avançado que a bioquímica de nosso corpo físico. Nessa conjuntura, quando do processo reencarnatório, o espírito, com aspecto ovóide por ter cedido a maioria do seu perispírito anterior às forças da natureza, fica envolvido por tênue camada do restante perispiritual e sustentado por capa vibratória bem definida - o corpo mental, zona que o separa da região espiritual. À medida que o desenvolvimento embrionário se vai observando, o novo perispírito também se vai ampliando, ou melhor, a zona física se vai avolumando pelo impulso do novo perispírito, em crescimento, com características inspiradas pelos vórtices energéticos da zona espiritual. O corpo ou personalidade será novo como, também, o perispírito que, por sua vez, foi impulsionado pelo campo mental.

Quando o espírito se apresenta sem o corpo físico, portanto desencarnado, o perispírito, com seu campo eletromagnético, continua mostrando-se com o formato do corpo físico que impulsionava, porém com modificações funcionais ligadas, principalmente, ao campo dos aparelhos digestivo e genésico, e em graus de variabilidade dependentes da posição evolutiva do ser. O campo do sexo quando ativado e trabalhado, na romagem reencarnatória, em potenciais construtivos, possibilita condições de ampliação evolutiva, cujos reflexos se fazem sentir na fase desencarnatória que se segue.

O perispírito pode e deve ser considerado como uma orgânica fluídica, onde as estruturas físicas se modelam em suas malhas por estarem submetidas sob sua direta influência, em mecanismos de contratilidade e expansibilidade. Os seus campos energéticos podem ser mais ou menos densos, na dependência da posição evolutiva em que se encontra determinado espírito. Nos espíritos mais atrasados o perispírito é bastante denso e, como tal, bem aderente aos campos

materiais; nos espíritos mais evoluídos apresenta-se tênue e rarefeito, com possibilidade de mais fácil desligamento do campo material que influencia. Esta última qualidade pode propiciar ao encarnado maiores expressões de inteligência e mesmo apresentar, de modo mais ostensivo, a fenomenologia paranormal. Dessa forma, conclui-se que o perispírito possui "organizações análogas" ao corpo físico, porém muito mais expressivas e avançadas.

DUPLO ETÉRICO

O duplo etérico (gravuras-1 e 2) seria uma zona de energias bastante densificadas nas quais o perispírito dissolveria, praticamente suas terminações finais e se apoiaria para alcançar as células físicas. Assim, o duplo etérico representa a zona intermediária entre o perispírito e a matéria. Do lado do perispírito tomaria uma posição de energias sutis, do lado da matéria uma zona bem densificada, a fim de possibilitar a continuidade desses campos, num processo de contiguidade — sucessão de camadas que se interpenetram sem se mesclarem; e como se os potenciais dessa organização, apesar de se corresponderem, não perdessem os respectivos atributos. Seriam campos vibratórios de características próprias, porém com possibilidades de interligação e influência mútuas.

O duplo etérico acompanha, internamente, o contorno da organização física onde se insere. As suas irradiações, como continuidade do perispírito, buscam a zona física, região em que tomam assento e se mesclam com as irradiações da própria matéria. As energias resultantes dessa mesclagem, transfixando a superfície corpórea, mostram-se em expressivas condições nas fotografias efetuadas em campos de alta frequência.

Temos a impressão que essa zona do duplo etérico, pela sua proximidade com a matéria, estaria comprometida com certos fenômenos mediúnicos, especificamente os de caráter físico, nos conhecidos processos de materialização. É bem possível que esse campo energético forneça boa parte do ectoplasma, substância que se completa-

ria com outros elementos da organização física, principalmente o trifosfato de adenosina (ATP) resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. É preciso que se diga que o ectoplasma, para completar a sua estruturação, necessita arrecadar substâncias nos reinos da natureza (mineral, vegetal e animal). Tudo isso poderia explicar as influências barométricas na mecânica das materializações. Também, os fenômenos de bilocação encontrariam explicação pela projeção do duplo etérico acrescido de substâncias da organização celular. Em certos e determinados transes mediúnicos, em que o médium entra em sono mais profundo, podemos pensar no deslocamento do duplo etérico, a presidir oferta de substância nas realizações de variada fenomenologia.

Por estas características o duplo etérico teria condições próprias traduzindo um campo específico e inconfundível, mostrando-se após a morte do indivíduo, por tempo variável, de algumas horas, dias ou meses; estas variações estariam relacionadas a evolução de cada ser. No desencarnado o duplo etérico pode mostrar-se de contornos bem precisos e com certa facilidade aos clarividentes, até sua completa extinção e que não deve ser confundido com a estrutura perispiritual-espiritual, representativa dos campos energéticos imortais. Algumas vezes, após o processo desencarnatório, o duplo etérico, por insuficiência evolutiva do ser, poderá prender-se ao perispírito e sua substância ser vampirizada por espíritos menos felizes, com sofrimento para a organização espiritual. Após a desencarnação, quanto mais evoluído for o ser, o duplo etérico logo sofrerá uma espécie de queima, com desaparecimento de sua estrutura (haveria em sua organização um ciclo fosfórico apropriado não perceptível aos sentidos comuns?); não acontecendo o mesmo com o involuído (ou o devedor da Lei) que terá dificuldades para desvencilhar-se de tal carga energética, sempre atacada por espíritos de baixa categoria vibratória a refletirem processo doloroso. As sessões espíritas, denominadas de desobsessão, pela interferência das equipes espirituais muito concorrem no auxílio dos desencarnantes que têm dificuldades de queima rápida do duplo etérico.

O duplo etérico, por ser a zona intermediária entre perispírito e corpo, propiciaria as condições a fim de que os elementos físicos sejam devidamente vivificados e orientados pelas informações perispirituais que, por sua vez, foram recebidas da zona espiritual após transposição pelo corpo mental (gravuras 1 e 2).

O duplo etérico, em combinação com as irradiações das células físicas, mostram um campo bem específico de energias que ultrapassam a superfície do corpo, conhecido como sendo a aura, bastante variável de indivíduo para indivíduo. A aura seria o resultado da difusão dos campos energéticos que partem do perispírito, envolvendo-se com o duplo etérico e o manancial de irradiações das células físicas. Como tal, todos os elementos da natureza possuem a sua aura típica. No reino animal e hominal, devido a mobilidade dos seres e diversos estados de sensibilidade e afetividade, sofrem intensas modificações em suas irradiações.

A aura, na espécie humana, reflete os diversos estados de consciência que o ser pode apresentar, desde os graus instintivos mais primitivos até os vôos mais expressivos do altruísmo. No belo multicolorido de determinadas auras, próprias dos seres mais evoluídos, percebidas pelos videntes, nasceu a idéia de existência de específicas personalidades que deram margem a criação dos santos de muitas religiões; como, também, pelo aspecto embassado e de cores esmaecidas e escuras, estariam aqueles que carregam condições bem primárias e instintivas, os que participaram de atos deletérios e negativos. Assim, diante às atitudes psicológicas e evolução dos seres, teríamos auras opacas ou luminescentes, onde os mais evoluídos podem apresentar-se com tal intensidade de luminosidade que deixam atônitos os videntes.

O autor espiritual, André Luiz, refere-se a este campo de forças do seguinte modo: "Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares".

... "E desse modo, estende a própria influência que, à feição de campo proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espalhar-se no Universo infundo".

Pela maneira que a aura se mostra, com os seus múltiplos aspectos e combinações de cores, já foi motivo de estudos pelos antigos que traduziam na cor escura para o negro, a presença do ódio e maldade; no castanho e suas nuances, avareza, ciúme cinzento, não só o medo, mas, também, o abatimento e a egoísmo; no vermelho, a ira ao lado da sensualidade; no depressão; no rosa estaria a dedicação e o amor; no violeta, o altruísmo com espiritualidade dilatada; e no amarelo, a intelectualidade.

Nos nossos dias existe muitos trabalhos de registro dessas irradiações aúricas, em fotografia e cinematografia coloridas, efetuadas em campo de alta frequência, calcados na descoberta do casal Kirlian, de origem russa, e que, por isso, foram denominados de kirliangrafias. Este campo aúrico de registro é conhecido, na Rússia, como sendo o campo bioplasmático; algumas escolas americanas o chamam de campo psiplasma. No Brasil, Henrique G. Andrade, em 1972, apresentou trabalhos científicos de valor a concorrerem para o conhecimento e abertura de novas veredas que os estudos desse jaez podem oferecer. No registro desses campos aúricos alguns autores acham que essas energias nada mais são do que o efeito corona; este realmente existe como resultado da fuga da alta frequência e voltagem na superfície material em que incide. Porém, as pesquisas notificaram que o efeito corona não apresenta as imensas variações do campo aúrico quanto ao seu aspecto, cor e amplitude; ainda mais, observaram, com certo critério e razão, as mudanças do campo aúrico relacionadas aos diversos estados normais e patológicos e nas condições emocionais de sensibilidade, percepções e doação magnética. Diante tais anotações, os pesquisadores não mais duvidaram da existência dessas irradiações e suas constantes mutações.

A aura é um campo biológico bem estruturado, não apresentando um

sistema desordenado de emissão e recepção. Tem sua grande aplicação nos passes magnéticos, cujos resultados bem comprovados, vem mostrando um novo campo de pesquisas.

O ÁTOMO E SUAS PARTÍCULAS

Em capítulos anteriores fizemos referências ao perispírito e duplo etérico, sendo que esta última zona propiciaria o encontro e ajustamento do perispírito com a matéria.

Seria lógico, a fim de que os campos energeticos do psiquismo fossem canalizados para a matéria, que houvesse neste ponto de união uma espécie de densificação de energias, de tal modo que fosse praticamente impossível distinguir onde termina a energia e começa a matéria. O proprio duplo etérico ja se confunde com os campos irradiativos da matéria denotando uma intensa interpenetração.

Creemos que as terminações finais do perispírito, ao penetrem o campo de energia correspondente do duplo etérico, estenderiam os seus "tentáculos" em busca dos cromossomos dos núcleos celulares, mais precisamente nos genes aí situados. Temos a impressão que os genes encravados na molécula do ADN (ácido desoxirribonucleico) dos cromossomos sejam autênticos campos energéticos, embora com condensação bem próxima à da matéria e não perceptível pelo nosso sentido visual. Os genes, distribuídos pelo tapete cromossômico das células, seriam as telas por onde as ordens espirituais emitidas pelo centro espiritual pudessem alcançar a zona física. As correntes vindas do interior do espírito iriam, a pouco-e-pouco, adaptando-se nas diversas camadas do psiquismo, até que nos genes dos cromossomos poderiam direcionar a bioquímica da zona física pela cadeia, hoje quase que inteiramente decifrada, do código genético. Assim, o trabalho do código genético seria inspirado pelas específicas correntes originárias no centro do espírito.

Na periferia do psiquismo, na zona material, como se daria esse intercâmbio entre mundo espiritual e material? Claro que tudo isso se passaria num complexo microcosmo, a refletir-se no mundo atômico. Daí, a necessidade de abordarmos, em síntese, o átomo e suas respectivas partículas.

O átomo é de tamanho tão reduzido em face as nossas mensurações, que a medida microscópica conhecida, o micron (milésima parte do milímetro), não atende a nossa compreensão intelectual; por isso, foram criadas duas novas medidas: o angstrom e o fermi. Fazendo comparações dessas mensurações teríamos:

1 centímetro corresponderia a 100 milhões de angstroms

1 microm a 100.000 angstroms

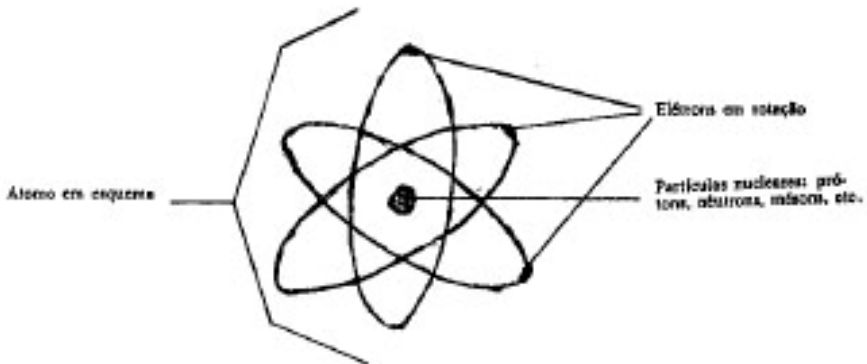
1 angstrom a 100.000 fermis.

O átomo apresenta-se constituído de inúmeras partículas, onde muitas delas já estão mensuradas e enquadradas em medida fermi, porquanto a totalidade de um átomo está em volta de 2 angstroms.

O átomo está montado num universo de partículas, onde muitas delas por serem fugazes, apresentam a propriedade de estarem em vários lugares ao mesmo tempo; algumas são tão diminutas e ocultas que, praticamente, não podem ser detectadas com os atuais métodos de pesquisa, embora avaliadas pelos cálculos matemáticos.

Definir o átomo situando as suas partículas e respectivas funções ainda é coisa muito difícil; por isso, os pesquisadores lançaram modelos de estudos, a fim de que a ciência possa avaliar as respectivas propostas.

O átomo possui um núcleo em volta do qual giram um ou mais elétrons (gravura 4). A distância entre o núcleo e o elétron é bem grande, embora existindo entre os mesmos um campo de forças, tão expressivo, que impede ser atravessado por certos e determinados elementos. Esses campos de forças interatômicas propiciam o aspecto de solidez de um todo encarado como matéria.



O núcleo atômico apresenta uma partícula de carga positiva, o próton, 1836 vezes maior, em sua massa, em relação ao elétron. Mostra, também, uma outra partícula, sem carga elétrica, o nêutron, cuja massa é 1840 vezes maior do que o elétron. Essas partículas (próton e nêutron) não teriam capacidade de estarem juntas; pela carga elétrica positiva dos prótons e pela ausência de carga dos nêutrons, a tendência seria o afastamento, considerando-se também núcleos de átomos vizinhos, de distâncias de 1,5 fermis. A força que une estas partículas (prótons e nêutrons) estaria na dependência de outros elementos, partículas específicas, de peso médio, conhecidas como os mésons.

Existem vários tipos de mésons que podem ser especificados em:

- a- méson-mu ou múons - 207 vezes mais denso que o elétron
- b- méson-pi ou píons - 270 vezes mais denso que o elétron.

Este último tipo é que propicia a força de ligação entre os núcleos atômicos. O méson-mu pode apresentar-se com carga positi-

va ou negativa. O méson-pi, entretanto, além daqueles de cargas negativas e positivas existiriam os de carga neutra. Todos esses mésons apresentam a característica de possuírem vida muito curta. Existem outros mésons ainda mais pesados que os píons, conhecidos como sendo as partículas k ou káons.

Os mésons, de qualquer qualidade, leves ou pesados, de carga negativa, positiva ou neutra, apresentam um inusitado comportamento no núcleo atômico. Mostram-se e ocultam-se a todo momento, denotando a existência de canais ou ponto de união entre a nossa conhecida dimensão material e aquela outra onde vicejam as camadas mais próximas do perispírito. Não existiria aí um ponto de união ou passagem entre o espírito e matéria?

Foi justamente o comportamento das partículas nucleares e suas habituais transmutações que os físicos classificaram as quatro forças da natureza:

1- Grande força nuclear ou interação forte - mantém os prótons e nêutrons unidos.

2-Força eletromagnética - 137 vezes mais fraca que a anterior atuando entre as partículas carregadas. É a força que mantém o elétron em órbita em volta do núcleo atômico.

3- Pequena força nuclear ou interação fraca - é 100 trilhões de vezes mais fraca que a interação forte. É a força que determina o salto dos elétrons a partir dos núcleos dos átomos radioativos.

4- A força gravitacional - é a mais fraca de todas. A força que mantém os satélites e planetas em suas respectivas órbitas.

As forças de interação forte e fraca, embora poderosas, têm um diminuto alcance; não passam além do núcleo atômico. A de gravitação, embora sendo a mais fraca de todas, possui imenso alcance o que faz parecer ser a maior força do universo.

Acrescentamos mais três forças de importância neste estudo:

5— Força psíquica individual — atuando em dimensão superior as demais, seria o resultado da emissão dos vórtices do espírito de determinado ser.

6- Força psíquica universal ou força PSI — constituindo o con-

junto das forças psíquicas individuais.

7- Força divina — inteligência suprema.

Atendendo ainda as partículas atômicas, existem uma serie delas que já foram estudadas e avaliadas. Assim, anotamos a partícula. lambda, a sigma e ômega, muito mais pesadas que as demais. A partícula W atuaria como portadora da interação fraca (resultante da decomposição do nêutron), como os píons são portadores da interação forte e os fótons da força eletro-magnética.

Foi observado na natureza uma incomensurável quantidade de determinada partícula, situada dentro ou fora do átomo conhecida como neutrino, podendo originar-se nos nêutrons no mésons e nos elétrons. As estrelas, através suas reações nucleares, são grandes fornecedoras de neutrinos. O neutrino não possui carga, sendo indiferente a interação forte e força eletromagnética, sofrendo ação da interação fraca. Foi detectado em 1956. Para cada fóton e cada nêutron calcula-se que exista 1 bilhão de neutrinos. Descobriu-se que o neutrino possui "spin" (movimento próprio de rotação). Apesar de sua intensa velocidade deu-se a sua captura pela presença do antineutrino com "spin" inverso ao seu. Atualmente, os cientistas estão acordes que o neutrino possui massa.

O elétron foi conhecido como sendo a partícula beta de carga elétrica negativa, resultante de irradiação dos metais radio-ativos. São tão pequenos que necessitaríamos 2000 deles para ocuparem a massa de um átomo (gravura 4).

Essa partícula que circula em volta do núcleo atômico oferece características quanto o número da órbita, forma da órbita, inclinação da órbita e o seu próprio movimento de rotação ("spin"). Com essas variações, cada elétron terá sua própria condição, ou momento diferente, por maior que seja o seu número num determinado átomo. Na análise dessas características, com suas variações, teríamos os chamados números quânticos.

O comportamento do elétron é tão variável que os estudiosos chegaram a conclusão que ele pode funcionar como onda ou como partícula que, por sua vez, nada mais seria do que um pacote de ondas

(ondas que se juntaram). O mesmo se dá com a luz, funcionando como onda ou como partícula que, por sua vez, seria o fóton. O encontro ou colisão de um fóton com um elétron dá-se o que se chama de efeito foto-elétrico.

Os elétrons, circulando em órbita própria em volta do núcleo atômico, poderiam representar telas com capacidade de absorção das vivências e experiências psicológicas que se passam na matéria para os arcanos do espírito? No capítulo seguinte essa temática será abordada.

Inúmeras outras partículas foram sendo detectadas com os aceleradores de partículas (ciclotron, betatron, sincotron, cosmotron) perto da velocidade da luz, o que permitiu o estudo de seus respectivos comportamentos. Na colisão das partículas conhecidas apareceram novas partículas, sendo que os mésons apresentaram dúzias de tipos diferentes. Em 1960 já havia sido descoberto perto de 100 partículas, entre elas as partículas J e os psíons.

As partículas de maior massa são denominadas de bárions; as de menor massa, de léptons; as de massa intermediária, de mésons.

Os estudos sobre as partículas nucleares concluíram de que elas são constituídas de sub-partículas, denominadas de quarks. Os quarks por se apresentarem diferentes foram demarcados sob forma de "sabores", cujas características são conhecidas como os *u* (up - para cima), os *d* (down - para baixo), e os *s* (sideways - para os lados). A combinação desses "sabores" seria bem variável pelas condições de carga e movimentos próprios (spin), nas partículas pesadas (bárions). Hoje, admite-se, pelos menos, 36 variedades de quarks e seu estudo é difícil por trafegarem incógnitos nos espaços subnucleares.

No caso dos mésons a constituição seria de 1 quark e 1 antiquark o que explicaria o procedimento do méson dentro da organização atômica.

Por certas e determinadas variações, os estudiosos chegaram a conclusão que além dos sabores existia outra qualidade no

quark: denominada de "cor", o que propiciaria infindáveis combinações e variedades nas partículas pesadas ou bárions ainda mais, os quarks fazem intercâmbio de sub-partículas específicas denominadas de glúons.

Foi anotado, recentemente, uma partícula elementar, o aglutinon, cuja função seria a de aglutinar os quarks.

No caso das partículas leves ou léptons e fótons não existe modificação de estrutura interna.

Uma outra partícula de nosso interesse é o pósitron ou elétron positivo, descoberto em 1932 por Carl Anderson. Essa partícula foi também denominada de buraco de elétron. Tem origem no núcleo dos átomos radioativos; encontrando-se com os elétrons, aniquilam-se, formando um fóton de alta energia correspondendo a energia das duas partículas (elétron + pósitron). Também, um fóton de alta energia pode dar um elétron e um pósitron, denominado de produção de par. Os pósitrons são buracos deixados pelos elétrons que abandonaram o nível energético negativo — é o anti-elétron. Teria o anti-elétron na unidade de antimatéria, a capacidade de absorver do elétron do átomo material as experiências que por aí se passam?

Como existe o anti-elétron existem outras anti-partículas das correspondente partículas. Portanto, todas as partículas possuem suas anti-partículas, a fazerem parte da antimatéria. O antipróton foi descoberto em 1955 por Berkeley e o antinêutron, anos depois. A duração das antipartículas são efêmeras talvez porque não pertençam propriamente, ao nosso mundo conhecido.. Quem sabe mesmo se as antipartículas não sejam a constituição comum do perispírito e duplo etérico, como um sistema atômico específico de polaridade diversa da matéria, mas que com ele se associe, em equilibrante carga, de modo ainda difícil de avaliações e demarcações científicas?

CAMPOS DE TRANSIÇÃO ENTRE ESPÍRITO E MATÉRIA

Neste capítulo pretendemos, com raciocínio dedutivo, em hipótese de trabalho, abordar o campo de soldadura ou ponte de transição entre espírito e matéria.

Como vimos em capítulo anterior, nas zonas constitutivas do psiquismo, ponte de transição entre o espiritual e o material estaria entre o perispírito e o corpo físico; nesta região existiriam energias específicas como que fazendo esta ligação - os campos do duplo etérico (gravuras 1 e 2) . Essa zona de ligação torna-se bastante interessante por ser a região onde os campos de energia penetram e perdem-se nas estruturas materiais.

Creemos que não existe propriamente uma zona demarcativa, mas à medida que as energias espirituais partem do centro da vida (zona do inconsciente puro) buscando matéria vão sofrendo, à pouco-e-pouco, um processo de condensação; sendo o corpo físico a expressão dessa máxima condensação. Apesar dessas ligações sutis não demonstrarem demarcações, não pode nos deixar de fazer essa diferença, principalmente entre as terminações perispirituais e as células físicas.

O nosso campo de observações intelectuais está ligado à dimensão material que, para a maioria, representa a única verdade por ser a zona de percepção dos nossos sentidos comuns; porém, com as aquisições da eletrônica e o imenso registro e fatos e pesquisas dos fenômenos paranormais, a própria ciência já admite a existência de uma energia orientadora, nos seres vivos responsável pela ordem biológica e suas consequências no cenário psíquico. Seria um campo específico orientando a matéria, jamais sendo consequência da mesma; por isso, foi chamado de campo-organizador, organizador-biológico ou mesmo campo-organizador-da-forma.

Nesta zona de transição, dum lado, o campo energético perispiritual, do outro, as células materiais, teríamos, logicamente,

campos dimensionais diversos; um campo de energias e um outro de matéria, onde as organizações, aí existentes, apresentariam condições próprias: no campo de energias estariam os componentes da antimatéria que, naturalmente se continuariam, por questão de polaridade, nos campos da matéria. Lógico seria pensar em organizações atômicas diversas: dum lado, os conhecidos átomos da nossa organização física com suas partículas, do outro, as antipartículas de um "átomo" que possa caracterizar a antimatéria.

De logo aparece o raciocínio que a física tem como verdade em suas experiências: quando uma partícula atômica encontra-se com a antipartícula correspondente, a colisão determina uma verdadeira explosão, tal como acontece com o elétron e o antielétron ou pósitron. Neste caso específico temos a considerar que isto existe quando estas antipartículas são produzidas em laboratório, principalmente o pósitron, às expensas de reações atômicas. No ciclo da natureza dar-se-ia o mesmo? Não haveria possibilidade de pensarmos que as antipartículas pertencentes a uma determinada organização (perispírito), pela sua carga contrária ou mesmo posição invertida, encontrasse nas partículas do átomo (organização física) um verdadeiro canal de derivação e comunicação? Se esta hipótese for viável, não haveria, por este modo, uma corrente espiritual tipo centrífuga (do centro espiritual para a periferia do corpo físico), muito bem adaptada e dosada nos diversos campos da zona espiritual e perispiritual, com possibilidade de orientar a bioquímica celular com ajustada e harmônica determinação? Ainda mais, os possíveis desequilíbrios nessas correntes seriam reflexos de zonas distônicas do espírito transferindo respostas de reações negativas do pretérito? Não seria esse o modo pelo qual o campo-organizador, na formação de um determinado ser, mostrasse sua destinação, além dos fatores genéticos dos genitores, com os impulsos que o espírito carrega consigo?

Acreditamos na viabilidade dessas idéias diante a ordem observada nas usinas celulares quando se associam em tecidos e posteriormente em órgãos na formação dos aparelhos e sistemas.

Neste conjunto harmônico as células obedecem a colônia de que fazem parte, bem diversas daquelas que se desenvolvem em culturas artificiais, no laboratório, tendente a tornarem-se independentes pela desenfreada multiplicação. As células constitutivas dos tecidos específicos e órgãos obedecem a um determinado tamanho e aproximado número; não estaria aí o reflexo das informações perispirituais, com seus campos de antimatéria, nos correspondentes campos da matéria? Especificando ainda mais, não estaria aí a ponte de comunicação onde as antipartículas do campo de antimatéria do espírito, mais propriamente do perispírito, desembocasse nas partículas atômicas da matéria?

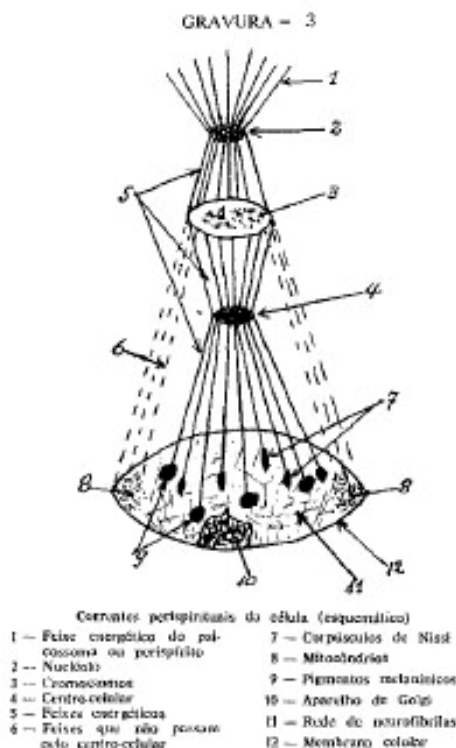
Como nos referimos a um tipo de corrente vinda do centro espiritual para a matéria, com a denominação de corrente centrífuga (do centro para a periferia), por motivos bem compreensíveis existiriam as correntes invertidas e complementares do ciclo; estas últimas poderiam ser denominadas de correntes centrípetas (da periferia para o centro, isto é, da matéria para o espírito). Como as correntes centrífugas trariam as informações e orientações do campo espiritual para a matéria, as correntes centrípetas levariam para o psiquismo de profundidade (espírito) todas as experiências que a zona material desenvolvesse: equações emocionais, sensitivas, dolorosas, intelectivas, etc.

Quais seriam os elementos por intermédio dos quais toda essa intercomunicação entre espírito e matéria pudesse dar-se? Quais seriam as zonas por onde a antimatéria alcançasse a matéria canalizando os elementos dos impulsos internos (correntes centrífugas)? Como, também, que elementos do átomo propiciariam as absorções de todas as realizações psicológicas do campo material com a devida e ordenada canalização para os campos de antimatéria do perispírito (absorção das experiências)?

No ano de 1976, através de nosso livro, *Eneética do Psiquismo*.

Fronteiras da Alma, sobre o encontro entre espírito e matéria, ou melhor sobre as ligações entre perispírito e matéria, assim nos referimos:

"As correntes energéticas que do centro espiritual se dirigem à periferia, são o resultado de vibração das diversas camadas do inconsciente e das suas respectivas expansões, isto é, das capas vibratórias (psicossoma ou perispírito), cujas porções mais periféricas incrustam-se e perdem-se na intimidade das células do organismo físico. Esta penetração e ajuste se daria de maneira característica no setor celular, havendo mesmo difusão energética pelo citoplasma, porém com as tonalidades que as unidades celulares oferecem (gravura 3).



. . ."Emitimos a possibilidade de que, nos centros nervosos, particularmente na célula nervosa, a energética espiritual vinda do centro espraia-se de modo bem característico. Sendo o núcleo da célula eletronegativo, este é o ponto por onde a corrente centrífuga positiva, deve aportar e procurar difundir-se. A região nuclear mais apropriada à canalização das energias vindas da zona inconsciente, seria o nucléolo, pelas características constitucionais e afinidades energéticas; daí, as energias se espalhariam por todo núcleo, particularmente, nos cromossomos, sofrendo profunda elaboração nos genes, atravessando a membrana nuclear, e a maioria dos feixes energéticos iriam em busca do centro celular (eletropositividade) que deverá ser a zona difusora da energia vital para todo o corpo da célula. Pelo visto, a trilha é a do código genético, cujo bioquimismo será a expansão da influência dos núcleos em potenciação na tela cromossômica, mais particularmente nos genes.

"Alguns feixes energéticos da zona cromossômica devem passar diretamente para o corpo da célula, sem tocarem no centro celular, estação distribuidora por excelência; assim, passando diretamente sem maior controle, pela intensidade e concentração desses excessos energéticos, determinariam a formação, no citoplasma celular, de pequenas unidades-cargas, núcleos de energia concentrada a serem utilizados pela célula na medida de suas necessidades. Estas unidades-cargas seriam representadas pelos mitocôndrias das células. Os feixes que atravessariam a membrana nuclear, e devidamente canalizados para o centro-celular, por atração e afinidade, penetrariam o centríolo, onde sofreriam novas filtragens adaptativas e, pelos filamentos asterianos, encaminhar-se-iam para o citoplasma da célula nervosa atingindo os vórtices atômicos dos corpúsculos de Nissl. Nesses vórtices, a energia da corrente centrífuga seria totalmente absorvida e novas vibrações, de características diferentes, surgiriam e se lançariam nas neurofibrilas da célula com conseqüente distribuição pela cadeia nervosa, sob forma do conhecido impulso nervoso. A passagem deste influxo nervoso nas neurofibrilas não seria total-

mente livre, porquanto, a rede dos dictossomos ou aparelho de Golgi, pelo seu aspecto, seria um campo de controle e regulação da força distributiva da corrente já transformada em influxo nervoso.

. . ."Ampliemos melhor os conceitos sobre o contacto das correntes centrífugas nos corpúsculos de Nissl. Como já sabemos, as expansões energéticas nada mais são do que energias do psicossoma, e suas últimas terminações poderiam ser denominadas de bióforos que, por sua vez, se confundiriam nos respectivos campos nucleares dos vórtices atômicos; haveria como que penetração dos bióforos nos prótons dos átomos que compõem as moléculas dos corpúsculos de Nissl, para elaboração de novos impulsos, campos energéticos, onde o influxo nervoso se originaria e seria conduzido pelas fibras nervosas após seleções e dosagens na distribuição.

. . ."Dos pontos mais condensados ou periféricos do organismo, por necessidade de equilíbrio energético, nasce uma corrente inversa à precedente em busca do centro espiritual que, por sua disposição e orientação, será denominada de corrente centrípeta. A denominação de corrente centrípeta e de corrente centrífuga é com finalidade de atender à noção de polarização e direção dinâmica. As correntes centrípetas, de direção inversa, formam ao lado das correntes centrífugas um ciclo completo:ciclo-energético.

. . ."As correntes centrípetas nasceriam como energias densas e pesadas para poderem circular na matéria (às expensas dos elétrons dos átomos); porém à medida que fossem ganhando as camadas profundas da psique, iriam se afinando, melhorando, adaptando-se para que a corrente possa progredir. A adaptação e afinamento se dariam pela absorção dos elementos mais densos das energias centrípetas pelas camadas energéticas afins do inconsciente, só deixando continuar, como unidades constitutivas da corrente energética centrípeta, o material mais afinado de dimensões superiores. É como se fossem várias camadas energéticas se despidendo dos elementos mais pesados, nas zonas por onde fossem atravessando; com essa doação energética contínua,

determinariam o impulso da corrente que, ao nível dos núcleos em potenciação, na zona do inconsciente passado, estariam com as energias perfeitamente adaptadas à absorção e complementação do ciclo.

... "Assim como os bióforos representariam os pontos terminais da correntes centrífugas nas células da organização física, os plastideos-energéticos seriam o início das correntes centrípetas nessas mesmas célula. Os primeiros, os bióforos, nos departamentos nervosos estariam mergulhados nos corpúsculos de Nissl e, os segundos, os plastídeos-energéticos, nos pigmentos melanínicos. Dest'art, os corpos de Nissl seriam o ponto de chegada, a tela de absorção das correntes centrífugas nas células nervosas e os pigmentos melanínicos o ponto de partida das correntes centrípetas, depósitos da substância prânica destinados ao metabolismo da zona espiritual (gravura 3)". (posta acima)

Continuamos a confirmar todas essas idéias escritas há sete anos. As correntes centrífugas que trazem os impulsos internos do espírito para o perispírito, atingindo as antipartículas de sua "especial organização atômica", avançam para a zona física em busca dos núcleos atômicos dessa região, especificamente de certas partículas aí contidas; as correntes centrípetas, como resultado da absorção, das diversas experiências no campo consciente (zona material), tomariam nascimento nas telas dos elétrons dos átomos físicos onde, após adaptação e transformação dimensional, seriam absorvidos pelos elétrons positivos (pósitrons) das organizações atômicas de antimatéria. Dessa maneira, teríamos, a se defrontarem, os respectivos elétrons de carga negativa (zona física) e de carga positiva (zona perispiritual) — na organização material o elétron, na organização de antimatéria, o pósitron (gravura 4). (Já exibida)

Estamos rememorando e mais bem equacionando essas idéias em virtude do físico francês J. Charon, através de estudos matemáticos e filosóficos, ter chegado a conclusão de que a partícula elétron, como se fora "bolha de sabão", contivesse em seu interior a

dimensão do espírito. Isto foi publicado em 1977, em seu livro, *L'esprit cet inconnu*.

Acreditamos que os elétrons seriam as telas por intermédio das quais as experiências de nossa vida quotidiana, como conclusão psicológica da zona consciente, pudessem ser levadas para o interior do psiquismo, transformando-se e adaptando-se nas respectivas dimensões espirituais por onde trafegam (gravura 1). Do elétron, zona ou tela onde as experiências externas fossem captadas, é bem possível que a próxima estação receptiva das experiências fosse o elétron-positivo (pósitron) já pertencente aos campos da antimatéria no perispírito.

Diz Charon que o nosso espírito encontra-se disseminado, como que "esfarelado" por todo o corpo onde cada uma das partículas contém as potencialidades da totalidade espiritual do conjunto. Seria melhor dizer que os campos das energias espirituais ou zona do inconsciente, com suas estruturas de unidades imortais comandam os átomos das organizações materiais, por onde conseguem o intercâmbio.

As descrições de muitos capítulos da física moderna, mudou o seu hábito objetivo para uma apresentação subjetiva, porém coerente. E o mesmo que dizer que a física de hoje está buscando, nos campos da metafísica, a ampliação de conceitos em face as necessidades espirituais humanas. É o que acontece com o pensamento de J. Charon quando afirma que a onda Psi ou espaço-tempo espiritual é o local dos acontecimentos, de características subjetivas, transpassando o objetivo; completa a idéia dizendo que os elétrons do átomo, pelas suas atribuições, podem e devem funcionar como verdadeiros buracos negros, a ponte entre matéria e espírito.

Nós participamos dessa idéia do elétron representar um buraco negro, porém com a característica específica de que, por seu intermédio, todas as experiências do mundo físico possam ser canalizadas, buscando, a seguir, o pósitron (elétron positivo) ou tela receptiva no campo do perispírito (gravura 4). Fizemos essa assertiva em nosso livro, *Energética do Psiquismo. Fronteiras da Alma*, no ano

de 1976, um ano antes da edição francesa do livro de Charon (*L'esprit cet inconnu*); aliás, tomamos conhecimento desses pensamentos de J. Charon através de seu livro, traduzido em português, no ano de 1979.

Ampliando as idéias em pauta podemos dizer, como pensam alguns físicos, que no microuniverso do elétron (2000 vezes menor que a massa total do átomo de que faz parte) existe matéria (massa) e..., irradiação (onda), mostrando a possibilidade de seu espaço ser encurvado; isto poderá dar a idéia da tela do elétron funcionar como um real buraco negro e onde uma chuva de gás de fótons com múltiplas velocidades e variadas direções se expressam. A chuva de fótons poderia muito bem explicar as trocas desses elementos entre os elétrons, como autênticas informações e, também, o mútuo e ajustado afastamento entre os mesmos, conhecido como princípio de repulsão eletrostática entre dois elétrons. J. Charon, vê nessa possibilidade o princípio das comunicações telepáticas por serem independentes de distancia; cremos que essas comunicações já se passam nos campos da antimatéria ou campo perispíritual, pelos positrons de sua estruturação.

Os minúsculos fótons possuiriam variações individuais ligadas aos seus próprios spins. J. Charon muito bem elucida a idéia dizendo que o elétron funcionaria como um quadro (preferimos a denominação de tela), com inúmeras lâmpadas (fótons) a acenderem quando o spin do fóton fosse positivo (spin +) e, a apagarem quando, o spin fosse negativo (spin -). Poderíamos dizer que os fótons (tanto os de spin positivo e negativo), nas telas dos elétrons, seriam os elementos responsáveis pelas gravações das experiências do cotidiano (zona psíquica consciente), com respectiva transferência aos pósitrons do perispírito (antimatéria) ou elétrons positivos; daí, após adaptações nesta dimensão iriam, de variações em variações dimensionais em busca da zona central do espírito, no inconsciente passado, onde as inserções finais das experiências se dariam sob forma de aptidões (gravura 1). (já anexada)

J. Charon, entretanto, coloca o espírito no próprio elétron quando

afirma: ". . .O elétron forma, portanto, uma individualidade autônoma, possuindo um espaço e um tempo próprios. E este espaço-tempo eletrônico é, como vimos para os buracos negros, diferente de nosso espaço-tempo ordinário. O elétron é um verdadeiro micro universo; possui um tempo cíclico que lhe permite reencontrar os estados passados do espaço pelo qual é constituído; e, de resto, os fenômenos neste micro universo se desenvolvem em neguentropia crescente, isto é, aumentando sem cessar seu conteúdo informacional. Em breves palavras, o elétron contém em si mesmo um espaço-tempo do Espírito."

O próprio Charon deseja reforçar a sua idéia com a assertiva de Teilhard de Chardin: "Nós somos logicamente levados a conjecturar, em todo corpúsculo de matéria, a existência rudimentar (em um estado infinitamente pequeno, isto é, infinitamente difuso) de alguma psíque". Comungamos com essa idéia chardiniana, mas colocar no elétron o próprio espírito, vai uma diferença muito grande em gradação psíquica. No elétron, sim, admitimos a tela por onde se daria a gravação das experiências da nossa dimensão material e, como buraco negro que é, a absorção desse material para o interior de nosso psiquismo, impulsionado pelo segundo estágio representado pelo pósitron dos campos perispirituais de antimatéria (gravura 4). (Já anexada) J. Charon resume ainda essa sua idéia afirmando: . . . "Só existe a matéria, e mais particularmente as partículas elementares da Matéria, que são suscetíveis de serem séria, lógica e cientificamente consideradas como capazes de serem "portadoras" do destino espiritual do universo".

. . . "o que realmente nos constitui é o nosso Espírito, e este é que está *todo inteiro*, repetimo-lo, contido em cada um dos bilhões de elétrons que entram em nosso corpo". Poderíamos retificar dizendo que a matéria, com seus elétrons de constituição, estará submetida a orientação do pósitrons da antimatéria do perispirito que, por sua vez, estará orientada por campos mais sutis ainda, os campos específicos do espírito, cuja estruturação nos escapa inteiramente diante as nossas hipóteses intelectivas.

A fim de que possamos deixar mais claro as idéias de Charon, mostremos o que diz no seguinte texto: "Não, é o nosso "EU" in-

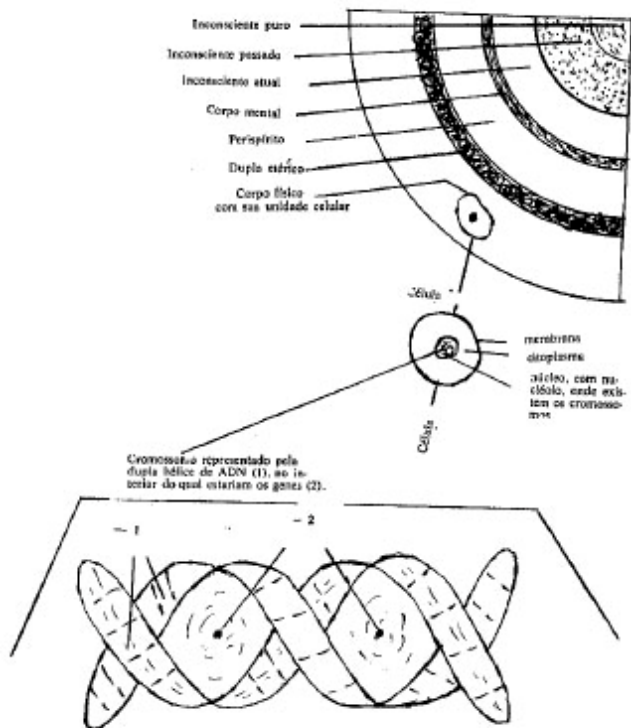
teiro que é um subconjunto da informação contida em cada uma das partículas elementares que formam o nosso corpo. Senão em todos, ao menos em bilhões delas. Mesmo admitindo que somente as partículas que entram na composição do ADN de nossas células possuem cada uma a informação própria sobre o nosso "Eu", dado que a quantidade de ADN de cada célula humana é da ordem de milionésimo de milionésimo do grama, haveria perto de 100 bilhões de elétrons "espirituais" portadores do nosso "Eu" em cada uma das células do nosso corpo. E as células do nosso corpo se contam naturalmente aos bilhões. Temos em nós, provavelmente, tantos elétrons portadores de nosso "Eu" quantas estrelas e planetas há no firmamento. Ainda que a Natureza nos põe em face de números imensos, tanto na escala da Matéria como na do Espírito. E se esta imensidão é capaz de ser harmoniosa é porque cada unidade possui seu papel no todo, como cada nota em uma sinfonia, cada músico em uma orquestra".

E mais este parágrafo: "Assim, o que diferencia minhas conclusões das de Pierre Teilhard de Chardin é essencialmente o fato de que, enquanto Teilhard via o Espírito de um ser organizado, como um homem, por exemplo, repartido no conjunto dos corpúsculos elementares que formam este ser, creio, ao contrário, que, com toda lógica, está *contido inteiro dentro de cada um* dos elétrons do nosso corpo, ou ao menos dentro dos bilhões de elétrons que pertencem ao nosso corpo (os que participam principalmente das edificações das moléculas do ADN)".

Ainda repetindo, afirmamos, dentro de nosso raciocínio dedutivo, que os elétrons que fazem parte do ADN, no núcleo das células, seriam as telas receptivas de todos os impulsos externos, onde aí sofreriam um processo de "gravação" às expensas dos milhões de fótons que nestas zonas militam. Daí, os "dados" dessas gravações passariam para o pólo oposto, das telas dos elétrons-negativos para as telas do elétrons-positivos (pósitrons) existentes nos campos de antimatéria do perispírito (possível constituição do perispírito) Talvez que a forma helicoidal da molécula do ADN ofereça as condi-

ções de sensibilidade dos fótons nos respectivos elétrons, facilitando as "gravações", absorções e mudança dimensional das experiências de vida, a fim de serem recambiadas para as zonas profundas do psiquismo, por intermédio do perispírito (gravura 5).

GRAVURA — 5



Como o elétron seria a tela por intermédio da qual as correntes

centrípetas do psiquismo (da periferia material para o centro das energias espirituais) tomassem nascimento, os elementos constitutivos das correntes centrífugas (informações espirituais para o corpo físico), vindas do espírito, teriam uma porta de entrada na constituição material, não mais ligadas aos elétrons e sim através dos núcleos atômicos, às expensas de suas partículas de massa intermediária, os mésons. Essas partículas possuem um comportamento de tão difícil avaliação, pelas suas constantes oscilações, denotando estarem ao mesmo tempo em dimensões diferentes. Isto possibilitaria que se pensasse no comportamento dos mésons, em face aos campos de união do perispírito com o corpo físico – o duplo etérico. Os mésons não seriam um dos principais elementos de constituição do duplo etérico, zona que se encontra comprometida com as energias ectoplásmicas fornecidas por determinados sensíveis ou médiuns nos chamados processos de materialização?

Carlos de Brito Imbassahy, em sintético e excelente artigo - O segredo dos Mézons — publicado na Revista Internacional de Espiritismo, assim se expressa: "Em recentes estudos magnéticos, alguns experimentadores ousaram apresentar uma subjetiva conceituação sobre esta incógnita atômica. Observaram que, ao tentarmos comprimir o campo magnético gravitacional do átomo, este apresentava pontos de fuga que, segundo a matemática, estando dito campo bloqueado nas três dimensões clássicas geométricas em que vivemos, se dá pela quarta dimensão e, segundo concluíram, esses pontos de fuga seriam os mézons.

"Compararam, então, o mézon a uma partícula que gravita num espaço tridimensional passando continuamente por pontos de um plano (a duas dimensões); evidente, sendo o centro de gravitação da referida partícula estranho ao plano em causa, com relação a este plano, a partícula não pode apresentar característica gravitacional.

"Por outro lado, um observador que só pudesse estudar os fenômenos do plano jamais poderia compreender como ocorreria o aparecimento constante desta partícula no referido plano sem estar vinculado a ele. Julgando-se que as demais partículas todas, estivessem vinculadas ao plano e somente esta gozasse de tal propriedade,

assim poder-se-ia explicar porque, em determinados instantes, uma certa quantidade de energia do plano fugiria dele sem desequilibrar o sistema.

"No caso do mézon, substituiríamos o plano pelo espaço atômico e a partícula de fuga, no seu giro quadridimensional, passaria pelo átomo como a outra no caso do plano; em cada passagem (infinitésimos de tempo) ela reequilibrava a energia do sistema enquanto que, fora dessa passagem, estaria levando consigo essa energia - em que, assim, não se apresentaria mais no conjunto atômico - sem se desvincular do átomo.

"Tudo isso fisicamente aceitável. E onde estaria o interesse doutrinário com tal estudo? Foi uma afirmativa dos sábios que observaram dito fenômeno e, durante suas conclusões, incluíram uma despercebida frase que, aparentemente sem expressão, pode nos levar a conclusões profundas. Disseram eles - "o mézon, tudo faz crer, comanda a vida tridimensional do átomo como se o dominasse de um outro plano de existência". Perguntamos nós: será esse campo o espiritual? Não seria o mézon exatamente o vínculo que falta entre a matéria e o espírito? Ou melhor, não seria o rudimento perispíritual do átomo? E o que o impede de ser?"

Esta conclusão de Imbassahy é bem interessante e estamos de acordo com o seu pensamento, crendo, entretanto, que as partículas mésons, como verdadeiras telas, seriam o ponto onde o psiquismo de profundidade (o espírito) informasse à matéria o seu direcionamento bioquímico. Em outros termos: os impulsos espirituais chegariam às células físicas através seus núcleos, na cadeia do código genético; nos cromossomos, especificamente nos seus genes (gravura 5), (já anexada) haveria difusão das informações espirituais pelas telas dos mésons pertencentes aos átomos dessa região.

Para melhor compreensão desses fatos lancemos mão do esquema. Já vimos em esquema anterior (gravura 1 e 2) os estímulos internos partindo da zona espiritual para o corpo físico (corrente centrífugas) e os estímulos externos absorvidos do meio exterior pela zona física em direção às regiões espirituais (correntes centrípetas). Rememoremos a unidade biológica da organização física - a célula, onde o núcleo, com seus cromossomos sedimentados no ADN, seria o ponto de chegada das correntes espiri-

tuais com sua direta influência na zona material (gravura 3).

Ampliando a conceituação, a fim de esclarecer o ponto de encontro entre a zona energética perispiritual e o corpo físico, apresentamos na gravura 4, a tela de antimatéria (antiméson) em confronto com a tela material (méson) da zona física, nos respectivos cromossomos (ADN) das células. Na gravura 5, podemos ter uma visão de conjunto mostrando as camadas do psiquismo, com a célula física em esquema, seguindo uma apresentação da dupla hélice da molécula do ADN (cromossomo). No interior do cromossomo, irradiando para as faces múltiplas que a dupla hélice da molécula do ADN oferece, teríamos o gene (campo de antimatéria). Pela disposição do cromossomo, o gene encontraria seguro apoio e boas condições projetivas de seus impulsos nas telas físicas. Este ponto ou região de projeção dos genes no ADN cromossômico representaria o momento em que o perispiritual demarcaria a zona física, especificamente na unidade atômica por intermédio de seus mésons, partícula que se caracteriza por sua fácil circulação nos campos do gene (terminações do perispírito - dimensão perispiritual) e campo do ADN (cromossomo físico - dimensão física). No espaço" entre os mésons, o de característica perispiritual e o de característica física, haveria o intercâmbio entre as suas respectivas telas, onde a dimensão perispiritual se transformaria na de característica física. como se essas telas dos mésons representassem computadores, transformando as informações de uma dimensão em outra, a fim de expressar os impulsos originários do espírito em sinais que a zona material pudesse perceber e entender.

As experiências e elaborações psicológicas que se fazem presentes em nosso cotidiano serão absorvidas para o interior do espírito, pelas telas dos elétrons, onde verdadeiras gravações magnéticas aí se expressariam. Nestes pontos de absorção, autênticos buracos negros, seriam transferidos aos elétrons positivos ou pósitrons, regiões onde nasceriam as correntes centrípetas; isto é, os impulsos da periferia corpórea, tragados pelos buracos negros (elétrons), seriam canalizados para o centro do psiquismo, já em estado dimensional mais avançado, no campo da antimatéria. Os impulsos da periferia do, corpo, físico para a zona espiritual, portanto, as correntes centripetas,

a medida que fossem avançando se iriam adaptando às diversas, dimensões constitutivas da psique, até incluir o processo psicológico vivenciado, como implantação, nos núcleos em potenciação do inconsciente passado (gravura 1), ampliando a bagagem das aptidões que a Individualidade (Espírito) vai adquirindo.

Todas essas fontes dos núcleos em potenciação, que se vão ampliando pelas experiências adquiridas e devidamente inseridas na intimidade do psiquismo, podem apresentar características de todos os matizes, dos graus mais positivos aos mais negativos; dependendo dos processo de vivência que determinado ser realizou. Qualquer que seja a condição de evolução esses núcleos em potenciação, haverá sempre um mecanismo de intercâmbio com o corpo físico, mais especificamente com todas as personalidades que o ser vai vivenciando, no rosário reencarnatório. Esta mecânica explicaria, com lógica e profundidade, as aquisições espirituais no esquema da própria evolução individual, que só poderá ser a expressão de uma elaboração arquimilenar.

Todo ser que absorveu, em determinada fase reencarnatória, elementos nocivos e deletérios, apresentará "ilhas" de energias nocivas para o próprio espírito que, um dia, serão neutralizadas e substituídas pelo bem comum diante o esforço e as realizações diversas. Inúmeros outros fatores benéficos, inclusive os panoramas das dores são elementos altissonantes no ciclo da vida, fazendo com que impulsos externos possa fornecer material construtivo para o espírito, com reflexos afins no corpo físico ou personalidade.

Neste processo avança a vida buscando a Vida Maior, em paragens desconhecidas, elaborando sempre novas formas de consciência.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- André Luiz (psicografia de Fco. Xavier e W. Vieira) — Evolução em Dois Mundos. 1ª edição. 1959. Editora FEB. Rio.
- André Luiz (psicografia de Fco. Xavier e W. Vieira) — Mecanismos da Mediunidade. 1ª edição. 1960. Editora FEB. Rio.
- Andréa, J. — Energética do Psiquismo. Fronteiras da Alma. 1ª edição. 1976. Editora Caminho da Libertação. Rio.
- Andéa, J. — Dinâmica PSI. 1981. Editora Fon-Fon e Seleta. Rio.
- Charon, Jean — O Espírito, esse desconhecido. Trad. C. Paula Leite. 1979. Edições Melhoramentos.
- Chester, M. — Partículas. Trad. Sergio Teixeira. 1979. Editora Artenova. Brasília.
- Delanne, G. — A Evolução Anímica. Trad. Mario Quintão. Editora FEB. Rio.
- Denis, L. -Depois da Morte. Trad. J. L. Souza, 10ª edição. Editora FEB. 1978. Rio.
- Denis, L. — No Invisível. Trad. Leopoldo Cirne. 7ª edição. 1973. Editora FEB. Rio.
- Freire, J. — Da Alma Humana. 2ª edição. Editora FEB. Rio.
- Kardec, A. — O Livro dos Médiuns. Trad. 2ª edição francesa, Herculano Pires. 1973. Editora LAKE. S. Paulo.